

VARIAÇÃO E MUDANÇA NA FORMA DO VERBO EXISTENCIAL NA FALA DA ELITE LETRADA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: UMA VISÃO ATUAL

Dante Lucchesi¹

Vera Castelló²

RESUMO: O artigo apresenta os resultados de uma análise variacionista da forma do verbo das orações existenciais, feita com base em uma amostra de fala informal composta por doze entrevistas de tipo sociolinguístico, realizadas no ano de 2023, com moradores da cidade do Rio de Janeiro com, ao menos, o curso superior completo, distribuídos por três faixas etárias e pelos dois sexos. O cotejo do resultado geral da frequência das variantes com análises similares feitas sobre amostras do Projeto NURC do Rio de Janeiro, das décadas de 1970 e 1990, possibilitou visualizar um consistente processo de mudança, em um lapso temporal de cinquenta anos, que culmina com o uso do verbo *ter* existencial em um nível quase semicategórico. Esse processo de mudança está sendo liderado pelas mulheres, em função da posição que elas têm assumido na sociedade neste século, e é condicionado, na estrutura linguística, pela caracterização semântica e nível de referencialidade do argumento da oração existencial e pelo tempo do verbo.

PALAVRAS-CHAVE: verbo existencial; mudança linguística; português brasileiro; norma culta, gramática normativa.

Introdução

A interseção semântica que existe entre a expressão de posse e existência nas línguas favorece o trânsito dos itens lexicais

1 Docente permanente da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Professor Titular aposentado da Universidade Federal Fluminense (UFF).

2 Mestra em Sociolinguística pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

entre esses dois campos semânticos, normalmente no sentido posse > existência, porque a tendência mais geral de mudança é no sentido concreto > abstrato. Tomando a frase (1) como exemplo, pode-se dizer que, no plano lógico-semântico, o sentido mais denotativo e previsível dessa frase é ‘existem duas pessoas que são filhas do mesmo pai e/ou da mesma mãe que João’. É um fato que existe independentemente da vontade ou de qualquer ato de João, que, inclusive, pode desconhecer a existência dessas duas pessoas. Situação bem distinta é referida na frase (2). Ter uma conta bancária é um ato consciente, que requer uma ação por parte de João, configurando, efetivamente, uma relação de posse.

(1) João tem dois irmãos.

(2) João tem duas contas bancárias.

Essa interseção permite também que um mesmo referente seja expresso tanto por uma construção existencial, como em (3), quanto por uma construção de posse, como em (4).

(3) Tem muitos buracos nesta rua.

(4) Esta rua tem muitos buracos.

Essa interseção tem possibilitado o deslocamento de verbos que indicavam posse para expressar existência ao longo da história da língua portuguesa. Assim, o português arcaico reproduz o quadro dos verbos latinos, com *ter* e *haver* (do latim *tenere* e *habere*, respectivamente), alternando-se na expressão da posse, enquanto a expressão da existência cabia ao verbo *ser* (do latim *esse*).³ A partir do século XVI, *haver* vai penetrando na expressão da existência, enquanto *ter* amplia seu espectro semântico, no campo semântico da posse, culminando com *haver*, assumindo totalmente o significado da existência e perdendo o significado de posse, que passou a ser expresso apenas por *ter*, mudanças que se completaram por volta do século XVIII. Esse ainda é o cenário

3 Esse uso ainda se mantém na expressão cristalizada que normalmente inicia os contos de fada: *Era uma vez...*, que significa ‘havia uma vez’.

predominante na língua em Portugal, porém no Brasil o trânsito do verbo que expressa posse para a expressão da existência prosseguiu, com o *ter* ocupando progressivamente o campo semântico da existência, o que não aconteceu em Portugal, que mantém o *haver* como verbo básico para a expressão da existência (Mateus *et al.*, 2003, p. 49)⁴:

(5) *Tinha* muitos homens bonitos no baile. (Brasil)

(6) *Havia* muitos homens bonitos no baile. (Portugal)

Como a tradição gramatical no Brasil, desde o século XIX, toma a língua de Portugal como modelo (Bagno, 2003; Faraco, 2008; Lucchesi, 2015), as gramáticas normativas brasileiras ainda prescrevem o emprego do verbo *haver* para expressar a existência, conquanto o uso do *ter* com esse valor seja geral na fala corrente, inclusive da elite letrada. Análises variacionistas do fenômeno feitas, no final do século passado e no início deste século, sobre o acervo do Projeto da Norma Urbana Culta e afins, retrataram um processo de mudança em progresso, com o *ter* predominando na fala semi-informal da elite letrada brasileira.

Com o objetivo de apresentar um quadro mais atualizado desse processo de mudança, este artigo analisa os resultados de uma análise variacionista do fenômeno, com base em uma amostra de 12 entrevistas com moradores da cidade do Rio de Janeiro, com ao menos o curso superior completo, gravadas no ano de 2023, no âmbito do projeto *Padrões Urbanos Cultos da Cidade do Rio de Janeiro* (PUC-RJ 2023), desenvolvido na Universidade Federal Fluminense (UFF), com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa dessa universidade, em parecer final n. 7.597.611, de 27 de maio de 2025. Para tanto, este artigo se estrutura da seguinte maneira: na próxima seção, é feita uma breve revisão da bibliografia sobre a forma de expressão da existência na língua portuguesa; na seção seguinte, são apresentados e analisados os

4 A mesma diferença ocorre na expressão do tempo decorrido (Mateus *et al.*, 2003, p. 48): *Ele licenciou-se há dois anos* (Portugal); *Ele se formou tem dois anos* (Brasil).

resultados quantitativos da análise, que seguiu os fundamentos teórico-metodológicos do paradigma variacionista (Weinreich; Labov, Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972], 1981, 1982, 2001); e na seção final, é feita uma síntese dos achados e uma análise mais ampla do fenômeno.

A expressão da existência no Brasil

Há registros de ocorrências do emprego do verbo *ter* em orações existenciais, no século XVI, em textos literários portugueses, como em (7), do livro *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto (cf. Bagno, 2012, p. 625).⁵ Porém, esse uso não se fixou em Portugal, sendo o emprego do *ter* existencial visto como uma inovação dos brasileiros, desde, pelo menos, o século XIX, como se pode inferir da afirmação do gramático e escritor brasileiro Júlio Ribeiro de que o uso do *ter* vinha “se tornando geral no Brasil, até mesmo entre as pessoas ilustradas” (*apud* Callou; Avelar, 2000, p. 86).

(7) no mais alto desses arcos *tem* sinos de vigia.

Esse uso do *ter* como verbo existencial no Brasil é registrado nas gramáticas normativas e descritivas e objeto de análises variacionistas, como resenhado a seguir.

O *ter* existencial nas gramáticas do português no Brasil

A tradição gramatical brasileira indica o emprego do *haver* como verbo existencial, por adotar a variedade de Portugal como norma de referência linguística (Bagno, 2003; Faraco, 2008; Lucchesi, 2015). Contudo, o uso do *ter* é reconhecido com alguma restrição, como em Cegalla (1977 [1964], p. 302): “na língua popular brasileira é generalizado o uso de *ter*, impessoal, por *haver*,

5 Deve-se ressaltar, entretanto, que Mattos e Silva (1989; 1993), em seus estudos do português arcaico, não encontrou construções existenciais com o verbo *ter*.

existir. Nem faltam exemplos em escritores modernos”. O mesmo juízo se encontra em Cunha (1976 [1972], p. 143):

Na linguagem coloquial do Brasil, é corrente o emprego do verbo *ter* como impessoal, à semelhança de *haver*. Escritores modernos – e alguns dos maiores – não têm duvidado em alçar a construção à língua literária:

“Tem noites em que me dá vontade de gritar, berrar, não sei, fico numa irritação que só vendo.”

(Mário de Andrade, CBM, 97)

“Em Passárgada, tem tudo,

É outra civilização...”

(Manuel Bandeira, PP, I, 222)

Azeredo (2011, p. 234) também se refere ao uso do *ter* como próprio da linguagem coloquial. Ou seja, mesmo reconhecendo o uso do *ter* existencial na alta literatura, esses gramáticos restringem seu uso à linguagem popular/coloquial.

As gramáticas elaboradas neste século por linguistas procuraram analisar mais profundamente as construções existenciais da língua. Assim, Castilho (2010, p. 407) identifica a origem locativa das construções existenciais, tanto que, nas línguas românicas, o verbo existencial é sempre acompanhado de uma partícula locativa: francês, *il y a*; italiano, *ci sono*; e castelhano, *hay* [*< habet ibi*]. A mesma construção do castelhano existia em português, até pelo menos o século XVI, com a partícula locativa *hi/i* (do latim *ibi*):

(8) Onde ha i sol, ha i sombra.⁶

Citando Lyons (1984 [1977], p. 409-410), Castilho (2010, p. 407) argumenta que “é natural raciocinar que, se uma pessoa ou algo ocupa determinado lugar, é porque existe. O lugar é, cognitivamente falando, mais concreto que a existência”, de modo que a mudança mais geral é do concreto para o abstrato. E a

6 Frei Heitor Pinto, séc. XVI, in SAID ALI, 1964, p. 184 *apud* BAGNO, 2012, p. 625.

gramaticalização da partícula locativa junto ao verbo existencial nas línguas românicas nada mais seria do que uma marca dessa mudança locativo > existencial.

Bagno (2012, p. 621-625) adota a análise de Castilho (2010, p. 288) de que os verbos existenciais seriam *verbos apresentacionais* (verbos que não predicam o sintagma nominal da oração, ou seja, não lhe atribuem qualquer papel temático), bem como a proposição de *caso absolutivo* para esse sintagma nominal, que seria definido como “caso abstrato projetado pelos verbos monoargumentais apresentacionais” (Castilho, 2010, p. 288). Nessa mesma linha, Bagno (2012, p. 621) define o absolutivo como “caso gramatical não marcado”. Essa análise se contrapõe à análise tradicional de que o argumento das construções existenciais com *ter/haver* seria seu objeto direto. Contudo, uma evidência a favor da análise tradicional seria o fato de, na língua de Portugal, quando pronominalizado, esse argumento vir na forma do caso acusativo (Gonçalves; Raposo, 2013, p. 1.194):

(9) Animais de estimação, havia-**os** em casa dos meus avós.

Em relação ao tratamento do fenômeno pelas gramáticas tradicionais, Bagno (2012, p. 625) afirma: “a condenação dos puristas ao uso de *ter* existencial se deve, como sempre, à sua tentativa de querer impor aos brasileiros os usos dos portugueses”. Por outro lado, desde o final do século passado, a pesquisa variacionista vem tentando deslindar os condicionamentos linguísticos e sociais da substituição do *ter* pelo *haver* no Brasil.

Análises sociolinguísticas da variação na forma das construções existenciais no português do Brasil

Em um estudo que orientou as análises do fenômeno no Brasil, Callou e Avelar (2000) utilizaram as amostras do Projeto da Norma Urbana Culta (NURC) do Rio de Janeiro, colhidas nas décadas de 1970 e 1990, nas quais recolheram 1.528 de orações

existenciais com *haver* e *ter*. Os resultados da análise quantitativa revelaram um avanço do *ter* sobre o *haver* nas construções existenciais, com a frequência de uso de *ter* passando de 63%, na década de 1970, para 76%, na década de 1990, sugerindo um cenário de mudança em progresso, em uma análise de tempo real de curta duração (Labov, 1994). A análise em tempo aparente também apontou para um quadro de mudança em progresso, com a frequência de uso do *ter* existencial crescendo entre os falantes mais jovens. Na amostra da década de 1970, os falantes das faixas de 35 a 55 anos e com mais de 55 anos empregavam o *ter* em 62% das ocorrências, enquanto os falantes entre 25 e 35 anos o empregavam em 69% do total. Na amostra da década de 1990, o crescimento é vertiginoso entre os mais jovens, passando de 70%, entre os com mais de 55 anos, para 72%, entre 35 e 55 anos, até atingir a impressionante cifra de 98% entre os falantes entre 25 e 35 anos, o que configura um uso praticamente categórico nessa faixa etária (Labov, 2003). Na década de 1970, as mulheres estariam liderando a mudança, ao usarem o *ter* em 69% dos casos contra 47% dos homens. Porém, a distinção de gênero não foi significativa na década de 1990.

Em um estudo análogo, considerando também as amostras de fala culta de Salvador, Martins e Callou (2003, p. 820) observaram que o processo de mudança estaria um pouco mais avançado na capital baiana, com a frequência de *ter*, passando de 74%, na década de 1970, para 86%, na década de 1990. E os resultados da variável sexo indicaram que as mulheres estariam liderando a mudança para o *ter* existencial:

nas mulheres das faixas etárias de 25 a 35 anos e de 36 a 55 anos, a mudança já foi efetivada, sendo o uso de *ter* categórico, e, na faixa que se inicia aos 56 anos, o uso de *ter-existencial* é de 97%. A penetração de *ter* no campo de *haver* tem encontrado maior resistência entre informantes do sexo masculino da terceira faixa etária, com apenas 45% de casos de *ter* existencial (Martins; Callou, 2003, p. 820).

Utilizando também as amostras do NURC, Batista (2012) identificou um processo de mudança na fala culta de Porto Alegre, com um aumento na frequência do *ter* de 69% para 78%, entre as décadas de 1970 e 1990. Já com uma base de dados ampliada, com amostras do NURC de Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador, os maiores índices de uso do *haver* encontraram-se na faixa dos falantes mais velhos, com mais de 50 anos, o que também sugere uma mudança em favor do *ter*.

Com base em uma amostra de fala da elite letrada de Fortaleza coletada, na década de 1990, no âmbito do Projeto do Português Oral Culto de Fortaleza (Procufort), desenvolvido dentro dos moldes do NURC, Viana e Araújo (2020) encontram uma frequência geral de uso do *ter* existencial de praticamente 80% (79,7%), em uma base de dados de 2.268 orações existenciais. Na análise em tempo aparente, observaram uma frequência maior de uso do *haver* entre os falantes com mais de 55 anos, com uma frequência de 24,4% do total, porém, se o uso do *haver* decresce entre os falantes entre 35 e 55 anos, com uma frequência de 16,5%, esse uso volta a subir entre os mais jovens, com uma frequência de 19,5% entre 25 e 35 anos (o que foi confirmado pelos pesos relativos), não configurando, portanto, um quadro prototípico de mudança em progresso. Além disso, na variável sexo, as mulheres se mostraram mais conservadoras, como revelado pelos pesos relativos, que atribuíram o índice de .547 de *haver* para as mulheres, contra .458 para os homens.

Quando o nível de formalidade do discurso foi controlado, os resultados revelaram que o uso do *haver* aumenta em função de um maior monitoramento da fala, nas situações de mais formalidade, o que significa que é a forma valorizada no sistema de crenças dos falantes em relação à língua. Na taxionomia proposta por Labov (2008 [1972]), o *haver* com sentido existencial assume, no português brasileiro (PB), a condição de *marcador*. Essa variação estilística foi observada por Viana e Araújo (2020), com um aumento do uso de *haver* nas Elocuções Formais (EFs), com a

frequência de 36,7%, diante de a uma frequência de apenas 13,7% nas entrevistas semi-informais, denominadas Diálogo entre Informante e Documentador (DID), com os pesos relativos do cálculo estatístico multivariado confirmando essa expressiva diferença percentual.

No plano do encaixamento linguístico do processo de mudança, o tempo do verbo existencial e a caracterização semântica do seu argumento foram os fatores que se destacaram na análise de Callou e Avelar (2000, p. 90-93). No que concerne ao tempo verbal, os resultados dos percentuais e, principalmente, dos pesos relativos indicaram que o presente favoreceu o uso do *ter*, enquanto os tempos do passado favoreceram o uso do *haver*, o que levou os autores a concluir que “*haver*, no português oral, se tornou um verbo típico de narração, modalidade discursiva que privilegia o emprego de tempos do sistema ‘passado’” (Callou; Avelar, 2000, p. 91). A semântica do argumento verbo existencial foi estruturada com os fatores: animado, inanimado material, espaço, abstrato e evento. Os resultados quantitativos demonstraram que os argumentos com valor animado, inanimado e espaço favoreceram o uso do *ter*, enquanto os valores evento e abstrato favoreceram o *haver*, o que fundamentou a seguinte generalização: as referências com o traço semântico [+material] favorecem o uso do *ter*, e o traço [-material], o emprego do *haver* (Callou; Avelar, 2000, p. 92). A análise de Martins e Callou (2003) corroborara esses condicionamentos, com o passado e o traço [-material] do argumento favorecendo o uso do *haver* e o presente e o traço [+material], o emprego do *ter*. Batista (2012) também observou que o *haver* era mais empregado quando o verbo estava no pretérito perfeito, e a referência do argumento continha os traços [+abstrato] e [+evento].

Já Viana e Araújo (2020) analisaram o conteúdo semântico do argumento em quatro fatores: [-animado, -concreto], [-animado, +concreto], [+animado, -humano], [+animado, +humano] e observaram que, nessa escala que vai do abstrato ao humano, o uso do *ter* aumenta progressivamente na proporção em que se

avança em direção ao [+humano], como se pode ver nestes valores dos pesos relativos de *haver*, que decaem progressivamente nesse mesmo vetor: 0,667, 0,435, 0,428, 0,263 (Viana; Araújo, 2020, p. 175). Esses números relevam que: (i) a referência a entes abstratos favorece o emprego do *haver*; (ii) a referência a coisas concretas e a animais favorece um pouco o emprego do *ter*; e (iii) o traço [+humano] do argumento do verbo existencial favorece sobremaneira o uso do *ter*. Como observaram as autoras, seus resultados vão ao encontro do atestado em estudos anteriores, destacando apenas uma forte correlação entre o emprego do *ter* e o traço semântico [+humano] do antecedente. No que concerne ao tempo verbal, em uma escala mais detalhada, as autoras observaram que o pretérito perfeito do indicativo e o pretérito imperfeito do subjuntivo favoreceriam bastante o emprego do *haver*, que seria também favorecido pelo emprego das formas nominais do verbo em uma escala menor; enquanto o *ter* seria favorecido, em ordem crescente, pelo emprego do presente do indicativo, presente do subjuntivo, futuro do pretérito do indicativo e futuro do presente do indicativo; já o futuro do subjuntivo e o pretérito imperfeito do indicativo seriam fatores neutros (Viana; Araújo, 2020, p. 177). Essa escala mais detalhada revela algumas nuances, especialmente o fato de o pretérito imperfeito do indicativo ser um valor neutro, não obstante estar no campo semântico do passado. Da mesma forma, as formas nominais do verbo e o futuro do subjuntivo também se mostraram fatores neutros.

Os achados dessas análises, em relação aos condicionamentos do processo de mudança que afeta o verbo base das orações existenciais no português do Brasil, balizaram a análise que será apresentada na próxima seção.

Visão atualizada da mudança que afeta o verbo das orações existenciais na fala da elite letrada do Rio de Janeiro

Nesta seção, serão apresentados e discutidos os resultados de uma análise quantitativa da variação dos verbos *ter* e *haver* em orações existenciais, com enquadramento teórico e metodológico da Sociolinguística variacionista (Weinreich; Labov, Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972], 1981, 1982, 2001). A base de dados foi coletada em um conjunto de 12 entrevistas sociolinguísticas realizadas no âmbito do projeto Padrões Urbanos Cultos da Cidade do Rio de Janeiro (PUC-RJ 2023),⁷ com moradores da cidade do Rio de Janeiro, com pelo menos um curso superior completo, distribuídos por três faixas etárias (de 25 a 35 anos, de 45 a 55 anos e a de 65 a 75 anos)⁸ e pelos dois sexos. Nessas entrevistas, foram encontradas 391 ocorrências de orações existenciais com os verbos *ter* ou *haver*, que foram codificadas em função das hipóteses que balizaram essa análise, e os dados assim produzidos foram submetidos ao cálculo estatístico multivariado com a utilização do programa GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005; Guy; Zilles, 2007).

Os resultados gerais das frequências das duas variantes revelaram uma larga predominância do verbo *ter*, com 365 ocorrências em um total de 391, contra apenas 26 ocorrências do verbo *haver*, o que corresponde, em termos percentuais, a 93,4% de *ter* e 6,6% de *haver*, como se pode constatar na tabela 1.

7 Já apresentado na introdução.

8 Essa configuração das faixas etárias visa a garantir o intervalo de, aproximadamente, uma geração entre cada faixa, para que a diferença geracional seja adequadamente observada.

Tabela 1 – *Ter* e *haver* como verbos existenciais na fala da elite letrada da cidade do Rio de Janeiro no ano de 2023

ITEM LEXICAL	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS /TOTAL	FREQUÊNCIA PERCENTUAL
<i>Ter</i>	365/391	93,4%
<i>Haver</i>	26/391	6,6%

Fonte: Elaboração própria.

Cotejando esse resultado com os de Callou e Avelar (2000), é possível contemplar o processo de substituição de *haver* por *ter*, na fala da elite letrada da cidade do Rio de Janeiro, em um lapso temporal de, aproximadamente, cinquenta anos. E os dados disponíveis apontam, de forma consistente, para uma mudança em progresso em favor do *ter*, que passa de uma frequência de uso de 63%, na década de 1970, para 76%, na década de 1990, e atinge na atualidade a frequência de 93%, em uma amostra de fala do mesmo segmento social. O aumento da frequência de *ter*, no intervalo de 20 anos, entre as décadas de 1970 e 1990, foi de 13%, e o aumento no intervalo de 30 anos, entre as décadas de 1990 e 2020, foi de 17%, o que revela uma ligeira diminuição no ritmo da mudança, o que seria natural em seu estágio final. Com efeito, a frequência de pouco mais de 93%, observada atualmente, aproxima-se bastante do patamar de 95% que Labov (2003), em uma escala muito citada, definiu como uma regra semicategórica, podendo-se assumir, em princípio, que a mudança caminha para sua implementação plena na fala. Os resultados das variáveis sociais que serão apresentados aqui poderão corroborar o desenvolvimento desse processo em uma abordagem em tempo aparente. Da mesma forma, a análise dos resultados das variáveis linguísticas explanatórias poderá identificar os contextos que impulsionam a mudança e aqueles que lhe são refratários.

Condicionantes estruturais da substituição de *ter* por *haver* com valor existencial

A caracterização semântica do argumento da oração existencial foi a primeira variável selecionada pelo Goldvarb X como estatisticamente relevante, e seus resultados confirmaram os achados das análises anteriores, como se pode ver na tabela 2.

Tabela 2 – O uso do verbo *ter* como verbo existencial em função da caracterização semântica do argumento (Nível de significância .028)

CARACTERIZAÇÃO SEMÂNTICA	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS /TOTAL	FREQUÊNCIA PERCENTUAL	PR
[+animado]	62/63	98,4%	.722
[-animado, +concreto]	167/170	98,2%	.703
[-concreto]	136/158	86,1%	.212
Total	365/391	93,4%	-

Fonte: Elaboração própria.

O fator [+animado] engloba os traços [+/- humano], porque só houve três ocorrências classificadas como [+animado, -humano], duas de seres extraterrestres (ETs) e uma de um cachorro, e todas as ocorrências de [+humano] foram com o verbo *ter*. Então, confirma-se, assim, a forte correlação entre o uso do *ter* e os argumentos que se referem a seres humanos. Por outro lado, o fator [-concreto] se mostrou um contexto de resistência à generalização do *ter*, como indica o peso relativo (PR) de .212. Essa correlação, já observada nas análises anteriores, pode ser explicada, assumindo-se que os argumentos mais abstratos ocorrem em momentos de maior reflexão cognitiva, o que favoreceria uma opção mais consciente pela variante padrão *haver*, que constitui, como se disse anteriormente, um marcador no PB, como atestado pela variação estilística, documentada nos estudos que controlaram a variável nível de formalidade do discurso.

Uma variável linguística considerada nesta análise, que não consta das análises referidas anteriormente, foi o nível de referencialidade do argumento da oração existencial, estruturada da seguinte maneira: argumento com referência genérica [-específico], argumento com referência indefinida, tipicamente primeira menção [+específico, -definido] e argumento com referência definida, previamente compartilhado com o interlocutor [+específico, +definido], exemplificados, respectivamente, em (10), (11) e (12), com os resultados quantitativos apresentados na tabela 3.

- (10) Era um condomínio bom pra criar criança mesmo, assim, ***tinha** muita criança*.
- (11) Então, quando ela faleceu, ***houve** uma briga*.
- (12) Muita gente vai atrás de oportunidades em São Paulo, porque, de fato, tem um mercado muito mais... melhor, tem esse aspecto. Pra mim, não me atinge muito.

Tabela 3 – O uso do verbo *ter* como verbo existencial em função do nível de referencialidade do argumento (Nível de significância .028)

NÍVEL DE REFERENCIALIDADE DO ARGUMENTO	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS/ TOTAL	FREQUÊNCIA PERCENTUAL	PR
[+específico, +definido]	73/74	98,6%	.822
[+específico, -definido]	165/183	90,2%	.352
[-específico]	127/134	94,8%	.497
Total	365/391	93,4%	-

Fonte: Elaboração própria.

Os argumentos de referência definida foram os contextos que mais favoreceram a substituição de *haver* por *ter*, como PR de .822 comprova. E os argumentos indefinidos se mostraram um contexto de resistência à mudança, com PR de apenas .352 para o uso do *ter*. Já os argumentos genéricos podem ser considerados um fator neutro, em função do PR de .497. Partindo do pressuposto de

que o uso do *haver* seria uma escolha mais consciente do falante, pode-se argumentar que a introdução de um referente novo tem proeminência discursiva, favorecendo um maior monitoramento da fala. E os referentes genéricos seriam mais comuns em momentos de reflexão, de um discurso mais argumentativo, que favoreceriam um maior monitoramento da fala.

A variável tempo do verbo não ficou dentro da margem de confiabilidade definida pelo Goldvarb X, por meio de nível de significância, que deve ser de até .050, pois o nível de significância dos seus resultados foi de .129.⁹ Porém, dada a importância dessa variável nos estudos sobre o fenômeno e a ressalva feita aqui na nota 7, os dados dessa variável serão apresentados na tabela 4 e analisados a seguir.

Tabela 4 – O uso do verbo *ter* como verbo existencial em função do tempo verbal (Nível de significância .129)

TEMPO DO VERBO EXISTENCIAL	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS/ TOTAL	FREQUÊNCIA	PR
Pretérito imperfeito do indicativo	181/188	96,3%	.573
Presente do indicativo	126/133	94,7%	.516
Pretérito perfeito do indicativo	36/44	81,8%	.324
Formas nominais e subjuntivo	22/26	84,6%	.229
Total	365/391	93,4%	-

Fonte: Elaboração própria.

Em princípio, os tempos verbais do pretérito imperfeito e do presente do indicativo favoreceriam o uso do *ter*, com os PRs de .573 e .516, respectivamente. Porém, esses valores são muito

9 O nível de significância de .050 significa que os resultados obtidos têm 95% de confiabilidade. Assim, o nível de significância de .129 indica que os resultados dessa variável terão um nível de confiabilidade de 87,1%, o que é ainda uma margem razoável de confiabilidade, conquanto não esteja no padrão canônico da análise estatística.

próximos à neutralidade, de .500. Então, uma melhor leitura dos resultados é que o pretérito perfeito do indicativo, bem como as formas nominais do verbo (especificamente o infinitivo e o gerúndio) e as formas do subjuntivo (especificamente as formas do futuro e do pretérito imperfeito) se revelaram contextos que inibem o emprego do *ter*, com os PRs de .324 e 229, respectivamente. Esses resultados contrariam a generalização de Callou e Avelar (2000) de que o passado favoreceria o *haver*, e o presente favoreceria o *ter*, que parece ter sido apressada, se se observa com apuro os próprios dados de sua análise. De fato, na análise desses autores, a frequência de *ter* junto ao pretérito perfeito é de apenas 10% em 1970 e de 35% em 1990, com PRs de .09 e .38, respectivamente. Porém, a frequência de uso de *ter* junto ao pretérito imperfeito é de 64% em 1970 e de 66% em 1990, com PRs de .44 e .45, respectivamente, que se situam mais próximos à neutralidade (Callou; Avelar, 2000, p. 91-92). Os resultados de Viana e Araújo (2020) também vão nessa direção. O PR do pretérito imperfeito do indicativo para o uso do *haver* também foi próximo à neutralidade (.507), sendo superado como contexto favorecedor do *haver* pelos fatores: pretérito imperfeito do subjuntivo, com PR de .693, e formas nominais, com PR de .566. Para explicar os resultados aqui encontrados, pode-se recorrer ao princípio da saliência fônica, tão produtivo nos estudos variacionistas. A flexão para o pretérito perfeito do indicativo, o futuro do subjuntivo e o pretérito imperfeito do subjuntivo implica uma alteração do radical (*haver* > *houve/houver/houvesse*), sendo, portanto, mais salientes em termos morfofonológicos, o que favoreceria o emprego da variante padrão, assim como a maior saliência das formas verbais flexionadas favorece a aplicação da regra de concordância verbal, como sobejamente atestado pelas análises variacionistas. Por outro lado, o pretérito imperfeito do indicativo seria um tempo verbal menos saliente, mantendo intacto o radical do verbo (*haver* > *havia*), até mais do que o presente, em que há uma redução desse radical (*haver* > *há*), o que explicaria o baixo emprego do

haver junto a esses tempos. Pode-se acrescentar, em relação ao presente, a fragilidade fônica da forma no singular, um monossílabo constituído apenas o núcleo vocálico (*há*), e a interdição do emprego da forma no plural *hão*, considerando que a flexão de número do verbo existencial, não obstante a condenação da tradição normativa, é recorrente, não apenas no Brasil, mas até em Portugal (Fernandes, 2022). O princípio da saliência fônica teria, assim, maior valor heurístico do que uma explicação baseada apenas na oposição entre presente e passado.

Encaixamento social da substituição de ter por haver com valor existencial na fala da elite letrada do Rio de Janeiro, em 2023

A variável idade do informante ocupa uma posição central na teoria da abordagem da mudança em tempo aparente, com base no pressuposto de que as diferenças nos padrões de fala de diferentes gerações refletem etapas da mudança ao longo do tempo (Labov, 2008 [1972], 1981, 1994, 2001). De acordo com a hipótese clássica, o indivíduo fixa seu padrão de fala ao final da adolescência, mantendo-o relativamente estável ao longo de toda a vida (Naro, 2003). Desse modo, as diferenças no comportamento linguístico de falantes com 25 e 55 anos, por exemplo, refletem as mudanças que afetaram a língua no lapso temporal de trinta anos. Na rodada do Goldvarb X, a variável faixa etária não ficou dentro do limite de confiabilidade definido pelo cânone do cálculo estatístico de .050.¹⁰ Embora o nível de significância tenha ficado ligeiramente acima desse limite (.076), os resultados serão apresentados e discutidos, em razão da relevância dessa variável social, na tabela 5 e comentados em seguida.

10 Cf. nota 7.

Tabela 5 – O uso do verbo *ter* como verbo existencial na fala da elite letrada da cidade do Rio de Janeiro, em função da idade do falante (Nível de significância .076)

FAIXA ETÁRIA DO FALANTE	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS/ TOTAL	FREQUÊNCIA	PR
25 a 35 anos	120/130	92,3%	.427
45 a 55 anos	140/145	96,6%	.668
65 a 75 anos	105/116	90,5%	.367
Total	120/130	92,3%	-

Fonte: Elaboração própria

O resultado observado, em que a faixa intermediária exibe o maior índice de uso da variante não padrão é exatamente o contrário do quadro prototípico de variação estável definido pela tradição da Sociolinguística desde Labov (1981), no qual a faixa intermediária é que usaria mais a variante de prestígio, pelo fato de ser a faixa de idade que mais sofreria as pressões do mercado de trabalho. Os jovens, que não entraram ainda no mercado de trabalho, e os mais velhos, que já se aposentaram, não sofreriam essa pressão, podendo usar mais a variante não padrão. Porém, visões mais recentes têm chamado a atenção para a complexidade subjacente à variável faixa etária, que engloba, na verdade, “um feixe de fatores” (Freitag, 2005, p. 120), de modo que não se pode considerar um único parâmetro de forma linear. Inclusive, esse esquema tradicional foi criticado por Lucchesi (2015), que argumentou que, mais do que a pressão do mercado de trabalho, esse quadro curvilíneo refletiria a situação dessas gerações no contexto do estado do bem-estar social vigente na Europa ocidental e na América do Norte durante as décadas de 1960 e 1970, período em que foram realizados os estudos basilares da Sociolinguística laboviana.

Com base nisso, os resultados aqui apresentados podem ser analisados de uma outra perspectiva. Em primeiro lugar, deve-se constatar que a diferença entre as gerações é realmente pequena,

o que seria esperado em um estágio final da mudança, como é caso aqui, com o uso da variante inovadora *ter* atingindo quase o nível de regra semicategórica (Labov, 2003). A implementação plena da mudança gera, inexoravelmente, uma homogeneização na comunidade de fala, pois todos passam a usar a mesma forma linguística. No entanto, mesmo com a margem reduzida, deve-se registrar que os mais velhos (entre 65 e 75 anos) são os que usam menos o *ter*, com frequência de 90,5% e PR de .367, o que é compatível com o comportamento naturalmente conservador dos idosos, e que, nesta amostra, nasceram entre 1948 e 1958, tendo, portanto, sua formação escolar numa época de grande influência da gramática normativa. O que foge ao protótipo é o alto índice de uso do *ter* na faixa intermediária, quando, no cenário de mudança em progresso, os mais jovens é que deveriam usar mais a variante inovadora. Pode-se argumentar que os falantes da faixa intermediária desta amostra, que nasceram entre 1968 e 1978, tiveram sua formação escolar no período da abertura política e dos costumes que ocorreu com o fim da ditadura militar em 1985; isso favoreceria a adoção de um comportamento mais liberal e flexivo, que se refletiria no uso da língua. Por fim, os mais jovens desta amostra, com idade entre 25 e 35 anos, estariam iniciando sua carreira profissional – na cronologia da vida na sociedade contemporânea –, e estariam, portanto, mais preocupados em usar as formas do padrão normativo, em decorrência da pressão do mercado de trabalho. Essa leitura qualitativa dos resultados se baseia na concepção de que cada processo de mudança deve ser considerado no seu contexto sócio-histórico particular.

A única variável social selecionada como estatisticamente significativa na rodada do GoldVarb X foi o sexo do falante, e seus resultados revelaram que as mulheres estariam liderando o processo de mudança, como se pode ver na tabela 6.

Tabela 6 – O uso do verbo *ter* como verbo existencial na fala da elite letrada da cidade do Rio de Janeiro, em função do sexo/gênero do falante (Nível de significância .028)

SEXO/GÊNERO DO FALANTE	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS/ TOTAL	FREQUÊNCIA PERCENTUAL	PR
Feminino	216/222	97,3%	.622
Masculino	149/169	88,2%	.342
Total	365/391	93,4%	-

Fonte: Elaboração própria.

A frequência de uso da variante inovadora *ter* na fala das mulheres é de 97,3% (PR de .622) contra apenas 88,2% na fala dos homens (PR de .342). No estudo de Callou e Avelar (2000), as mulheres também ficaram à frente dos homens na sincronia de 1970. Na análise de Martins e Callou (2003), com a amostra do NURC de Salvador, a dianteira das mulheres ainda foi mais acentuada. Porém, no estudo de Viana e Araújo (2020), com uma amostra de Fortaleza, na década de 1990, as mulheres foram mais conservadoras.

Na Sociolinguística laboviana mais ortodoxa, as mulheres seriam mais sensíveis às formas de prestígio e liderariam as mudanças em direção ao padrão (Chambers, 1995). Porém, esse princípio também tem sido questionado neste século (Freitag, 2015), e Lucchesi (2004; 2015) argumenta que o papel da mulher no processo da mudança deve ser considerado em função da inserção das mulheres em cada contexto sócio-histórico particular em que o processo de mudança se desenvolve. Nesse sentido, os resultados que embasam a generalização apresentada em Chambers (1995) foram encontrados em estudos da mudança em centros urbanos de sociedades industrializadas e com um alto desenvolvimento social. Já nas análises em comunidades rurais afro-brasileiras isoladas do nordeste brasileiro (Lucchesi; Baxter; Ribeiro,

2009; Lucchesi, Figueiredo, 2025), região pouco desenvolvida em termos econômicos e marcada por grande desigualdade social, são os homens que lideram as mudanças em direção ao padrão urbano de prestígio, pois têm mais contato fora da comunidade, indo buscar trabalho nos grandes centros urbanos ou negociando os produtos da roça nas feiras dos centros regionais, enquanto as mulheres, que ficam mais confinadas ao universo familiar e ao trabalho na lavoura, conservam mais as formas mais desviantes da comunidade, geradas no passado pelo contato do português com as línguas africanas.

Nessa dessa perspectiva, os resultados aqui encontrados podem ser analisados em função das mudanças no papel da mulher ocorridas nas últimas décadas, no Brasil e no mundo, sobretudo com o movimento feminista iniciado na década de 1960. A luta das mulheres, fortalecida com a redemocratização e o fim da ditadura militar, em 1985, levou a várias conquistas importantes que mudaram a situação da mulher na sociedade brasileira. Ainda sob o regime autoritário, foi aprovada a Lei do Divórcio (Lei nº 6.515/1977), possibilitando às mulheres a libertação de um casamento opressor e mais inserção no mercado de trabalho. Na Constituição Federal do Brasil de 1988, a “Constituição Cidadã”, o inciso I do Art. 5º definiu as mulheres e os homens como “iguais em direitos e obrigações”. Por fim, foi sancionada, em 2006, a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), para proteger a mulher da violência doméstica que muitas vezes culmina no feminicídio. Esse movimento tem se fortalecido neste século, não apenas no Brasil, mas em todo mundo – recentemente foi aprovada na Itália a prisão perpétua para o crime de feminicídio –, em função dos chamados movimentos identitários, que ocupam uma posição cada vez mais importante na pauta da luta progressista, com o combate a todo tipo de discriminação e preconceito, especialmente contra mulheres, pretos, indígenas e quilombolas e a população LGBT. Todo esse processo social tem ampliado a consciência da sociedade para o respeito e a defesa da diversidade e

pluralidade cultural e comportamental, o que acaba por se refletir no plano do sistema de crenças sobre a língua, enfraquecendo a autoridade da tradição normativa, como pesquisas feitas neste século na Europa têm demonstrado (Kristiansen; Grondelaers, 2013; Monteagudo, 2024).

A luta feminista, contra o machismo e a misoginia, tem despertado a consciência das mulheres e uma maior sensibilidade para a diversidade e para uma visão política mais progressista. As pesquisas de intenção de voto nas últimas eleições presidenciais do Brasil – polarizadas entre um candidato progressista de centro esquerda e um candidato de extrema direita, que adota uma pauta conservadora em relação aos costumes – têm retratado essa postura mais progressista das mulheres, frente ao um pensamento mais conservador dos homens.¹¹ Essa maior consciência se reflete no sistema de crenças sobre a língua, com as mulheres aceitando e usando mais as formas fora do padrão normativo, enquanto os homens adotam mais o padrão normativo como forma de reforçar seu poder simbólico em uma sociedade tradicionalmente patriarcal. Assim, surgem fundamentos para repensar o papel das mulheres na mudança linguística, nas sociedades ocidentais, no século XXI.

Considerações finais

Os resultados de uma análise variacionista da forma dos verbos base das orações existenciais em uma amostra de fala colhida no ano de 2023, cotejados com os resultados de análises similares em amostras de fala do Projeto NURC das décadas de 1970 e 1990, permitiram visualizar o processo de substituição de *haver* por *ter*

11 Cf. Boulos (2025, p. 27): “No Brasil, em 2022, segundo pesquisa do Datafolha na véspera do segundo turno, 52% das mulheres declararam voto em Lula, contra 41% em Bolsonaro. Entre os homens, Bolsonaro levou vantagem de 48% a 46%. O corte racial é ainda mais nítido: Lula venceu Bolsonaro por 60% a 34% entre os pretos, e Bolsonaro venceu por 54% a 40% entre os brancos.”

na fala da elite letrada da cidade do Rio de Janeiro, ao longo de cinquenta anos (de 1970 a 2020), revelando um processo consistente de avanço do *ter* como verbo existencial, cuja frequência de uso atinge na atualidade as bordas de uma regra semicategórica. No plano da estrutura linguística, foram identificados contextos de resistência a mudança na caracterização semântica e no nível de referencialidade do argumento, bem como no tempo do verbo existencial, com o verbo *haver* sendo mais usado quando o argumento da oração existencial remetia a referentes abstratos ou indefinidos e genéricos. Já o princípio da saliência fônica revelou um uso maior da variante padrão quando ocorria a mudança no radical do verbo (*hav-* > *houv-*). Em ambos os casos, são contextos que favorecem um maior monitoramento da fala e a opção mais consciente pela variante padrão e conservadora. No plano do encaixamento social, destacou-se o papel das mulheres na liderança dessa mudança que se afasta do padrão tradicional, como reflexo da postura mais progressista e sensível à diversidade cultural e de costumes que as mulheres têm assumido neste século.

Em um plano mais amplo dos usos linguísticos em todas as esferas das relações sociais de uma sociedade letrada, deve-se ter em conta uma notável clivagem quando se observam as modalidades de uso da língua, porque, enquanto o uso do *ter* está se generalizando na fala, o *haver* predomina largamente sobre o *ter*, na língua escrita, chegando mesmo a ser empregado em níveis praticamente categóricos nos textos mais formais, como os artigos de revistas acadêmicas e científicas (Lucchesi, 2022). Essa profunda clivagem, própria das sociedades contemporâneas com alto grau de letramento, coloca novos desafios teóricos, não apenas para a compreensão da mudança linguística, mas para a compreensão da própria dinâmica dos usos da língua em geral.

Variation and change in the form of the existential verb in the speech of the literate elite of the city of Rio de Janeiro: a current view

ABSTRACT: The article presents the results of a variationist analysis of the verb form in existential clauses, based on a sample of informal speech composed of twelve sociolinguistic interviews conducted in 2023 with residents of the city of Rio de Janeiro who have at least completed higher education, distributed across three age groups and both sexes. Comparing the overall frequency of variants with similar analyses conducted on samples from the NURC Project in Rio de Janeiro, from the 1970s and 1990s, it revealed a consistent process of change over a fifty-year period, culminating in the use of the verb *ter* in an existential sense at an almost semi-categorical level. This process of change is being led by women, as a result of the position they have been assuming in society in this century, and is conditioned, in the linguistic structure, by the semantic characterization and level of referentiality of the argument of the existential clause, as well as by verb tense.

KEYWORDS: existential verb; language change; Brazilian Portuguese; literate norm; prescriptive grammar.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, Jose Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2011.

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BAGNO, Marcos. *A norma oculta – língua & poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BATISTA, Priscila Guimarães. *Ter e haver existenciais na fala culta de Rio de Janeiro Salvador e Porto Alegre: do social ao linguístico*. 2012. 194f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

BOULOS, Guilherme. *Pra onde vai a esquerda?* Avaré, SP: Contracorrente, 2025.

CALLOU, Dinah; AVELAR, Juanito Ornelas de. Sobre *ter e haver* em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Revista Gragoatá*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, n. 9, 2000, p. 85-100.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CEGALLA, Domingos P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 17 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977 [1964].

CHAMBERS, John K. *Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance*. Cambridge: Blackwell, 1995.

CUNHA, Celso. *Gramática da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1976 [1972].

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

FERNANDES, Vera Catarina Neves. *Variação na concordância verbal – um estudo sobre o verbo haver existencial*. 2022. 86 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2022.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Idade: uma variável linguística complexa. *Línguas & Letras*, v. 6, nº 11, p. 105-121, 2º sem. 2005.

FREITAG, Raquel Meister Ko. (Re)Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística. In: FREITAG, Raquel Meister Ko; SEVERO, Cristine Görski (org.). *Mulheres, Linguagem e Poder* – Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2015, p. 17-74.

GONÇALVES, Anabela; RAPOSO, Eduardo Paiva. Verbo e Sintagma Verbal. In: RAPOSO, Eduardo Paiva et al (eds.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013, p. 1155-1218.

GUY, Gregory; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

KRISTIANSEN, Tore; GRONDELAERS, Stefan (eds.). *Language (De)standardisation in Late Modern Europe: Experimental Studies*. Oslo: Novus Press, 2013.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LABOV, William. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, Christina; TUCKER, Richard (ed.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: social factors*. Cambridge: Blackwell, 2001.

LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Oxford; Cambridge: Blackwell, 1994.

LABOV, William. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, Winfred; MALKIEL, Yakov (ed.). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1982. p.17-92.

LABOV, William. What can be learned about change in progress from synchrony descriptions. In: SANKOFF, David; CEDERGREN, Henrietta (ed.). *Variation Omnibus*. Carbondale; Edmonton: Linguistic Research, 1981. p.177-199.

LUCCHESI, Dante. *Ter e haver na norma culta escrita e a questão da norma padrão no Brasil*. In: OLIVEIRA, Josane Moreira de; MOTA, Jacyra Andrade; REIS, Rejane Coelho Pereira (org.). *Contribuições para a linguística brasileira – uma homenagem a Dinah Callou*. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2022. p. 125-144.

LUCCHESI, Dante. *Língua e Sociedade Partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

LUCCHESI, Dante. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2004.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). *O Português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

LUCCHESI, Dante; FIGUEIREDO, Cristina (org.). *O Português afro-brasileiro revisitado*. Salvador: EDUFBA, 2025.

LYONS, John. *Semântica estrutural*. Lisboa: Presença, 1984 [1977].

MARTINS, Luciene; CALLOU, Dinah. Mudança em tempo aparente e em tempo real: construções *ter/haver* existenciais. In: *Anais Eletrônicos do Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul*. Curitiba: Mídia Curitibana, p. 820-825, 2003.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas Trecentistas – Elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O Português Arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1993.

MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

MONTEAGUDO, Henrique (ed.). *A estandarización das linguas da Península Ibérica: procesos, problemas e novos horizontes*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, 2024.

NARO, Anthony. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2003. p.43-50.

RAPOSO, Eduardo Paiva *et al.* (ed.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

VIANA, Rakel.; ARAÚJO, Aluiza. Os verbos *haver* e *ter* existenciais em dados de fala culta fortalezense: uma análise variacionista.

Diálogos Pertinentes – Revista Científica de Letras, v. 16, n. 2, p. 166-194, 2020.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].